



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E FAZENDO HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS NA REDE MUNICIPAL DO RECIFE-PE.

Denize Lima, UFPE

Helenna Silva, UFPE

Jéssica Amaro, UFPE

Maria Dutra, UFPE

Thiago Antunes, UFPE

Maria Thereza Didier de Moraes, UFPE

RESUMO: O trabalho aqui descrito trata da experiência na preparação e vivência da sequência didática vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), em uma turma de quarto ano do segundo ciclo de uma escola do Alto do Maracanã, Recife-PE. Optando por uma abordagem qualitativa e pelo método de investigação das histórias de vida, propomo-nos a despertar nos alunos a compreensão de si enquanto sujeitos ativo-construtores social e historicamente pautados na perspectiva da história local. Deste modo, desenvolvemos um projeto didático intitulado *Narrativas do Alto do Maracanã: ressignificando memórias e fazendo histórias*, em que cada aula, proporcionasse a reflexão de si através de linguagens da arte (fotografia, grafitagem, poesia e música). As atividades desenvolvidas no decorrer da sequência alcançaram seu objetivo reflexivo, estimulando os estudantes a pensarem: O que é a história? Eu faço parte da história? Além disto, nós como estudantes, tivemos experiências e fomos transformados.

PALAVRA-CHAVE: PIBID, História Cultural, Experiência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um relato de experiências vivenciadas por nós na preparação e vivência do projeto (sequência didática), intitulado *Narrativas do Alto do Maracanã, ressignificando memórias e fazendo histórias*, que teve como intuito principal a análise das histórias dos alunos e do bairro, bem como sua noção pertencimento como sujeitos que constroem a história.

Para tanto, e por acreditar na narrativa como uma fonte de construção histórica e como uma metodologia, desenvolvemos o projeto com as etapas de observação dos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

sujeitos/campo de atuação, estudos e planejamento das aulas, realização do planejado e as análises de todas essas experiências.

Pensando nesses aspectos acima, refletimos que o ensino de história no Brasil parece estar avançando no que diz respeito às concepções que o embasam, bem como a algumas práticas mais pontuais. Uma grande quantidade de estudiosos e trabalhos tem se voltado para a problematização deste ensino. Entretanto, parece-nos que o quadro mais evidente ainda é o que tece um ensino de história guiado por datas fixas e isoladas, fatos individuais em evidência, tudo de maneira linear (Bittencourt, 2004; Silva e Fonseca, 2007).

Percebendo e analisando este quadro evidente, entendemos que o ensino diferenciado do convencional é possível. A História pode ajudar na compreensão sobre quem somos e como nos constituímos como tal (individual e coletivamente), incentivando nosso senso crítico, nos inserindo nas práticas e construções sócio-históricas. Contudo, isto só acontece quando, de fato, damos ênfase ao ensino de forma problematizada que aproxime os conhecimentos históricos e o saber histórico escolar, percebendo o aluno como sujeito ativo neste processo (Ciampi, 2007).

Por isto, fizemos a opção de desenvolver nosso trabalho na perspectiva da história local. Entendemos que a mesma é importante para a constituição do indivíduo e seu coletivo, possibilitando a construção de um olhar questionador sobre o contexto em que vivemos. (Shimidt, 2007).

O CAMINHO PERCORRIDO

Nosso trabalho se propôs a despertar os alunos, de uma escola da rede pública de ensino do Recife/PE, para a percepção/compreensão de si enquanto sujeitos ativos-construtores social e historicamente, a fim de que construam novos significados (ressignifiquem) sobre história local, a partir de narrativas. A experiência se desenvolveu a partir da relação entre suas histórias de vida com as do Alto do Maracanã.

Optamos por uma abordagem qualitativa que permite “considerar os diferentes pontos de vista dos participantes” e, ao mesmo tempo, “iluminar o dinamismo interno”



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

das situações pesquisadas (Lüdke; André, 1986, p. 12). Mais diretamente, adotamos como método de investigação as histórias de vida, entendendo que

a história de vida *acontece* na narrativa. O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. Portanto a narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de vida (DELORY – MOMBERGER, 2008, p. 56, grifo do autor).

Desta feita, entendemos que seria apropriado remeter este estudo às narrativas, visto que estas são, ao mesmo tempo, objeto de estudo e uma metodologia. Entretanto, devido aos limites de tempo, principalmente, e à complexidade da abordagem escolhida, nos apegamos ao resgate, à ressignificação e à análise das histórias de vida dos alunos, bem como as destes com as do bairro e suas compreensões sobre ser um sujeito que constrói história.

Para tanto, construímos um projeto didático intitulado *Narrativas do Alto do Maracanã: ressignificando memórias e fazendo histórias*, que faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual é uma iniciativa que busca aperfeiçoar e valorizar a formação de professores para a educação básica (escolas da rede pública de ensino). O programa articula os estudantes das licenciaturas, sendo a nossa a pedagogia, sob a orientação de um docente da academia – neste caso, da Universidade Federal de Pernambuco, a UFPE – e um da escola constituída como nosso campo de atuação.

Nesse nosso campo de atuação fizemos duas observações, as quais respaldaram e refinaram nossos olhares e estudos sobre possíveis atividades a serem desenvolvidas durante o projeto, ou seja, para planejarmos as aulas, bem como sobre nossa atuação/prática pedagógica. Cabe ressaltar que esse projeto foi pensado para cinco aulas, com duração de três horas e meia cada. Com base na perspectiva da Nova História Cultural, que se preocupa com as histórias dos sujeitos comuns: narrativas históricas a partir do(s) olhar(es) de quem as vivencia, como protagonistas, cada aula



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

almejava trazer reflexões que contribuíssem para a construção de uma consciência histórica pelos alunos, a partir de linguagens da arte. Pensamos então na fotografia, poesia, grafiteagem e música, por exemplo, como gêneros de caráter artísticos para alimentarem as possíveis discussões levantadas.

Conforme trouxemos há pouco, as narrativas constituem-se como elemento importante para a construção do saber e do conhecimento histórico dos/pelos sujeitos. E como nos diz Durval Muniz (2007), passado não são os documentos, as fontes, mas a compreensão histórica deles (estudo, reflexão, representações, simbolismo, etc.). Ainda sobre as narrativas, podemos dizer que dão um caráter de experiência ao que foi vivenciado, ou seja, às histórias de vida, podendo servir como fonte para a História (BURKE, 2008).

Partindo dessas compreensões, é que planejamos nossa sequência de aulas, nosso projeto. Os estudantes que compunham o campo de pesquisa (escola na qual foram desenvolvidas as atividades), foram vinte alunos – aproximadamente – matriculados no quarto ano (2º ciclo) do ensino fundamental da rede municipal do Recife/PE, em uma escola situada no bairro de Dois Unidos (comunidade Alto do Maracanã).

A escola e o professor supervisor de nossa atuação/prática foram escolhidos pela disponibilidade em participar do programa e por seleções realizadas pelos professores orientadores visando suas boas práticas de ensino. Então, retomando, foram feitas duas observações iniciais, estudos sobre teóricos da área da História e alguns dias destinados ao planejamento (sob a orientação da professora da UFPE, que ministra aulas na graduação de Fundamentos do Ensino da História), para só então vivenciarmos as duas aulas e partir para as análises das mesmas.

RESULTADOS

Na primeira aula, os alunos (as) vivenciaram uma sequência de atividades que proporcionou um maior senso de pertencimento, através do resgate da história do Alto do Maracanã e a percepção de um respeito mútuo, através da construção de um contrato didático.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A aula iniciou-se com o acolhimento dos alunos (as). Conversamos informalmente com as crianças, perguntamos como foi seu final de semana. Em seguida, informamos para eles que iríamos trabalhar a história do bairro Alto do Maracanã. Os alunos (as) gostaram da ideia e na medida em que conversávamos sobre o bairro, se sentiram a vontade para recitar poemas e cantar músicas. Após esse momento houve a construção do contrato didático. Organizamos a sala no formato de “U” para melhor disposição dos estudantes. Em seguida, com uma caixa (contendo um espelho dentro) em mãos, a regente Denize que ficou responsável pela primeira aula, convidou os alunos (as) a observarem o que havia dentro dela e convidou os mesmos para responder a seguinte questão: *O que você vê tem história?* Ela pediu para que os alunos respondessem apenas *sim* ou *não*. E a caixa foi sendo passada de mão em mão. Neste momento, percebemos o envolvimento e participação dos alunos nessa atividade. É nesse sentido que concordamos com (Burke, 1992, p. 11) ao afirmar que “A Nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana” não somente àquelas dos grandes feitos heróicos, como fora disseminado por muito tempo, e ainda continua sendo a concepção de muitos sujeitos. No decorrer dessa atividade, alguns alunos (as) responderam as perguntas acrescentando comentários: “*O que vi não tem história porque espelho é uma coisa qualquer...*”; “*Algumas vezes eu me confundia se olhava para o espelho ou para mim.*”; “*Eu estava me vendo e não tinha história*”; “*O espelho é um vidro e tem história*“. Portanto, com essa afirmação, concordamos com Burke (1992, p. 11), ao afirmar que “tudo tem uma história”. Percebemos, então que com a realização dessa atividade e a problematização das questões propostas, os alunos passaram a se reconhecer como sujeitos históricos.

Na segunda aula propomos aos alunos (as) uma sequência de vivências reflexivas que os conduziram a pensar questões subjetivas e introspectivas, como o conhecimento de si. Tais atividades foram sugeridas no intuito de fazê-los ressignificar as suas próprias histórias de vida e perceberem-se como participantes ativos e construtores da história do Alto do Maracanã.

Para que as atividades fluíssem organizadamente, deixamos os materiais necessários dispostos numa mesa de apoio e no decorrer das atividades fomos utilizando-



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

os, na primeira parte da aula, buscamos acolher os (as) alunos (as) dando-os boas vindas, os recebendo com suas falas e inquietações, após perguntarmos como tinha sido o final de semana deles, indagamos as crianças da seguinte forma: Vocês se lembram da aula anterior? O que vocês acharam mais interessante? Nesse momento alguns alunos recordaram-se da dinâmica “Qual o presente da caixinha”, na qual, tiveram na aula anterior, que dizer se ‘o que viam dentro da caixinha tinha história ou não’, dentre as falas destacamos a de uma aluna que expôs sua dúvida, dizendo: “Eu não sei se o que tinha história era o espelho que estava dentro da caixa ou se era eu que estava me vendo no espelho.”, aproveitamos essa inquietação da aluna para instigar os demais a pensarem sobre as histórias de cada um e dirigir a seguinte pergunta aos alunos: “Afinal, quem tem história, o espelho ou a gente?” alguns responderam que o espelho tinha história, ou seja, a história de sua invenção, outros em resposta a essa afirmação disseram que pra ter história tinha que estar vivo, não concordando, um aluno argumentou dizendo que “existiam pessoas que morreram e tem história, tudo tem história”.

No entanto, uma última questão foi formulada por uma aluna, “nem tudo tem história, a nossa boca não tem história, por que muitas pessoas inventam e outras aumentam as histórias do povo” Essa hipótese nos faz pensar sobre o que já nos aponta (Pesavento, 2008 p. 95) que “a memória individual se mescla com presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer” nesse jogo de lembranças e esquecimentos foram tecidos com os alunos reflexões no decorrer das atividades seguintes.

Convidamos os alunos a uma vivência na qual vendamos seus olhos e pedimos que eles ficassem relaxados, sentados numa posição confortável nas cadeiras, em seguida distribuimos uma folha de papel ofício (A4) para cada um, a fim de criar um ambiente de concentração e introspecção colocamos a música instrumental (Huf huf-Win Mertens), nesse momento percebemos um estranhamento por parte dos alunos, um deles disse: “ah que música feia, estranha!” entendemos a importância de uma ampliação do repertório cultural dos alunos, por meio do contato com outros gêneros musicais. Demos continuidade à vivência chamando a atenção dos mesmos para o seu



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

papel, que naquele momento era a própria vida deles, solicitamos que eles sentissem, tocassem suas vidas, percebessem como ela estava, o que eles consideravam coisas boas e ruins de suas vidas, surgiu um momento de silêncio, não um silêncio de sons audíveis, mas, um silêncio da alma de cada um deles, apenas se ouviu a música como plano de fundo e “... o silêncio [...] não é nem esse calar intimidado que se produz quando o poder é o único que fala, nem esse calar que é simplesmente, o efeito terrível da mudez, da confusão, da incapacidade para palavra”. (Larossa, 1999, p.46-47).

No decorrer na vivência, repentinamente como numa explosão um aluno quebrou os silêncios, ele desvendou-se, amassou seu papel, jogou-o no chão pisando nele, em seguida rasgou e jogou os retalhos de sua “vida” na lixeira, no trajeto impetuoso entre a cadeira e a lixeira ele exclamou altivamente: “Isso não é minha vida, minha vida não vale nada!” e sentou-se novamente na cadeira com uma fisionomia triste. Continuamos a vivência propondo aos demais alunos (ainda com os olhos vendados) um momento de catarse, em que eles poderiam transpor toda a raiva, tristezas, frustrações e dificuldades das suas vidas para aquele papel, amassando-o com toda a força. As reações foram diversas, três alunos não quiseram amassar seus papéis, um desses disse: “não quero amassar minha vida, ela é preciosa!” outros amassaram com muita disposição e emoção, tivemos a oportunidades de ouvir risadas de uns e vimos rostos sérios de outros, demonstrando uma reflexão sobre si.

Depois pedimos que os alunos tirassem suas vendas, como num ato de enxergar a própria vida, como ficou a folha? O que há de diferente nela agora após a atividade? As crianças disseram: “Tá amassada!”, “Ficou Feia, toda amassada!”, “A minha ficou do mesmo jeito, eu não amassei ela!”, ouvimos todos os posicionamentos, em seguida perguntamos: mas será que a nossa vida precisa ficar assim tão amassada? Ou ela pode se transformar em outra coisa? Poderíamos dar outro sentido a ela? E torná-la mais bonita, mesmo com as marcas que ficaram? Enquanto essas perguntas eram feitas um de nós foi a partir de um papel amassado criando uma flor e colocando cores com tinta guache, como numa metáfora de colorir a vida, tornando-a bela, alegre, resignificando-a.

Os alunos ficaram admirados com aquele momento, muitos deles disseram: “Eu quero fazer uma flor com a minha vida!”, então convidamos os demais a inventarem



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

algo a partir daquele papel, dispomos tintas e cada um escolheu as cores que dariam cor a suas vidas, perguntamos ao aluno que tinha amassado se ele desejava outro papel para que pudesse participar da atividade dando outro significado ao papel e rapidamente o mesmo aceitou a folha, nela ele fez uma pintura, outros fizeram uma flor branca, outros coloriram, alguns deram outro sentido, valendo ressaltar a produção de uma aluna, um origami de ave que movimentava as asas, isso nos fez pensar sobre o sentimento de prisão que muitas posturas docentes produzem nos alunos, entendeu-se que o educador deve estar atento e sensível a fim de promover um espaço de abertura à criatividade, como uma forma de contribuir na construção da autonomia de cada aluno.

Esse educador deve estar disposto a mudanças, a reconstruções, à possibilidade de inventar algo belo de vidas e histórias que são silenciadas e esquecidas, de ‘pessoas comuns’, ‘alunos comuns’. O ato de criar e recriar coisas os fez pensar sobre a possibilidade de reinvenção das próprias vidas e histórias. Nossa proposta para a primeira parte da aula foi pensada devagar, queríamos aprender com alunos a interrupção, queríamos suspender o automatismo da ação, queríamos a experiência que segundo Larossa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2002, p. 24).

Após esse momento de reflexão e ressignificação das histórias, ocorreu o momento do lanche e do recreio como habitualmente ocorre na rotina da escola, na volta do recreio tínhamos planejado o início da atividade dos “Enigmas” na qual seriam separados grupos, cada um deles teriam que descobrir o enigma, nessa descoberta eles encontrariam pistas para a produção da história do Alto do Maracanã, como foi



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

acordado na primeira aula. No entanto, percebemos que os alunos precisavam materializar os sentimentos e emoções vivenciados na primeira parte da aula. A maior pista de nossa afirmação foi a fala de uma aluna, dizendo: “Quero desenhar algo, sei lá!”

A partir daí modificamos, recriamos e ressignificamos nosso planejamento, propondo aos alunos que se desenhavam, se auto-retratassem da forma que quisessem, durante a atividade um de nós pegou um espelho grande e ficou se observando, se admirando a vista de todos, em seguida perguntou ao grupo “quem deseja se ver no espelho, a fim de se enxergar melhor pra a criação do auto-retrato? todos quiseram se enxergar naquele espelho que estava composto de muitos reflexos, reflexos dos alunos, dos educadores, reflexos da sala, entre claro e escuro, reflexos de vidas, memórias e histórias. Ao se verem, eram obrigados a se depararem com a imagem do outro, do além deles, daqueles que muitas vezes eles negam. Ao final das produções, sugerimos que aqueles que se sentissem confortáveis, expusessem seu auto-retrato falando um pouco sobre como se sentiram ao se desenharem.

Alguns desenhos e reações dos alunos e nossas, deram corpo ao momento, o aluno que tinha rasgado o papel foi o primeiro a querer expor seu desenho ao restante do grupo, quando um de nós mostrou o seu auto-retrato e perguntou propositalmente o que eles tinham achado, alguns alunos disseram: “que cabelo feio, o seu cabelo não é assim!” e no mesmo instante a regente disse que aquele cabelo também tinha história, soltou o cabelo e disse “cada um desses cachos, cada ondulação desses fios contam histórias de mim”, a partir daí a mesma narrou brevemente sua história de vida. Algumas alunas que tinham dito anteriormente que aquele cabelo era feio começaram a se reconhecer nele, “ahhh realmente esse cabelo parece com o meu!” disse uma das alunas. Nesse sentido, compreendemos que deve ser desenvolvido nos alunos outros saberes, além dos saberes científicos, ou seja, um Saber da experiência, como nos aponta Larossa:

Saber da Experiência não está como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética um modo de conduzir-se e uma estética um estilo (p. 27).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Por fim, terminamos as atividades com uma conversa sobre como tinha sido a aula, o que eles tinham gostado ou não nela e seus sentimentos. Esses sentimentos e a reflexão sobre si, são importantes, a nosso ver, na construção das identidades dos alunos, sendo a mesma relacional, constituindo-se “a partir da identificação de uma alteridade, frente ao eu ou do nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro” (Pesavento, p.89), e enquanto representação social ela apresenta-se como uma “construção simbólica de sentido” organizando um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento, pertencimento em nosso caso à história do Alto do Maracanã, tivemos a pretensão de despertar nos alunos o sentimento de pertencimento na história, nas histórias do bairro.

IN-CONCLUSÕES

(...) O sujeito da experiência está disposto a se transformar numa direção desconhecida. (Larrosa, 1999, p. 197)

Experiência é particular. Experiência de sentir ou de deixar-se ferir pelo ou com o estranho, estrangeiro, o além de nós, muitas vezes o louco, é deparar-se com o outro; é futucar, cascavilhar uma direção desconhecida. Foi isso que tentamos proporcionar aos alunos quando levamos as reflexões acerca da Nova História Cultural e da História Local: experiências. Esperávamos que eles construíssem/ampliassem saberes pautados na reflexão crítica sobre o contexto em que estão inseridos, e parece que atingimos.

Ficou muito claro para nós que os estudantes começaram a sentir-se sujeitos históricos, a saber, construtores de sua história e da história de seu bairro, que fazem parte da História como um todo. Quanto a nós, encontramos o silêncio. Aquele silêncio que nos coloca em um lugar de reflexão, de pensar as coisas corriqueiras de maneira nova, transformada. Colocar-se estranho ao pronto, acabado, ao convencional, para que assim possamos aprender a ter a experiência e a repensar cada ato nosso, acima de tudo. Não de uma maneira egocêntrica, egoísta, mas partindo do pressuposto que, só



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

podemos impactar e proporcionar transformação, quando nos impactamos e nos transformamos no processo. Em suma, ter um olhar crítico sobre nós mesmos.

RERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. 2002, p.24; 27.

BURKER, Peter. A escrita da história novas perspectivas. In:_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. Tradução de Magda Soares. São Paulo: Unesp, 1992, cap.1, p. 11.

BURKE, Peter. O que é história cultural. 2 ed. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CIAMPI, Helenice. OS DESAFIOS DA HISTÓRIA LOCAL - ENSINO DE HISTÓRIA: Sujeitos, saberes e prática. Rio de Janeiro: MAUND X, FAPERJ, 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do Indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “História Local: O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.. *Ensino de História sujeitos, saberes e prática*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LAROSSA, Jorge. *Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUDKE, M. ANDRÉ. M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Ed. EPU. 1986.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In:_____. Ensino de história: sujeitos, saberes e prática. Rio de Janeiro: MAUND X, FAPERJ, 2007.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido. Campinas; SP; Papyrus, 2007.